



SER MÃE HINDU EM CONTEXTO DE MIGRAÇÃO EM PORTUGAL

Ivete Monteiro¹;
Natália Ramos²

Introdução

A migração assume-se como um acontecimento que desde sempre esteve presente na existência do Homem. A procura de uma vida melhor, de condições mais favoráveis, a fuga à instabilidade muitas vezes existente no país de origem conduzem milhares de pessoas a procurar um país, que lhes proporcione maior estabilidade social e económica e onde consigam dar resposta aos seus sonhos. Se é inquestionável que por um lado a globalização veio acelerar o intercâmbio de valores, culturas, ideias sociológicas e políticas, por outro lado novos desafios se colocam paralelamente aos que já existiam. O confronto com uma cultura diferente, o afastamento da sua família, a submissão a valores diferentes, o seguimento de novas regras e comportamentos, a sujeição a novas tarefas e novos papéis são obstáculos que surgem e que dificultam a integração na sociedade de acolhimento. A manutenção da identidade do migrante é uma necessidade que este sente, no sentido de manter os seus valores, a sua cultura e de sentir que continua a ser pessoa. Porém, frequentemente esta necessidade de identidade contrapõe-se ao que é esperado pela sociedade de acolhimento, surgindo muitas dúvidas, incertezas e uma dualidade que em nada contribui para o bem-estar do migrante.

País tradicionalmente de emigração, Portugal tornou-se a partir dos anos 70 também país de imigração. O período imediato à revolução de Abril de 1974 foi rico em transportar para este país pessoas de países e culturas diversas, nomeadamente pessoas das antigas colónias portuguesas. Imigrantes africanos vieram em grande número procurando melhores condições sócio-económicas e buscando um futuro mais promissor para si e para os seus filhos. No entanto, a imigração não se restringiu a estes emigrantes. Com a descolonização, comunidades não africanas que viviam em Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné e São Tomé e Príncipe, muitas das quais já tinham um percurso migratório anterior, vieram para Portugal numa tentativa de recomeçar novamente uma vida melhor. Posteriormente, com a adesão à Comunidade Europeia, a imigração estendeu-se a

1 Mestre em Comunicação em Saúde. Universidade Aberta, CEMRI, Lisboa. Email: ivete.monteiro@gmail.com

2 Doutorada em Psicologia. CEMRI, Universidade Aberta, Lisboa. Email: natalia@univ-ab.pt



outros países, tornando-se Portugal um país de acolhimento por excelência sendo notório um aumento da população estrangeira, de origem variada. Esta ideia é consolidada por RAMOS (2004, p.246) ao afirmar “*Nas décadas de 80 e 90, a evolução da imigração em Portugal caracterizou-se por um aumento da população de origem estrangeira, por uma consolidação da imigração africana, por um aumento da imigração europeia, brasileira e venezuelana e com a emergência da imigração indiana, chinesa e da Europa de Leste.*”

O fluxo de pessoas de origem indiana atingiu o seu expoente máximo na década de oitenta resultado da revolução e da conseqüente autonomia das colónias portuguesas. O clima de instabilidade social e política sentido nas ex-colónias portuguesas, e em particular em Moçambique, após a revolução de Abril de 1974 foi determinante na procura de melhores condições de vida e de uma maior estabilidade. BASTOS e BASTOS (1999a, p.15) referem “*o processo de descolonização iniciado traumáticamente com a tomada do estado da Índia e, posteriormente com a emergência dos movimentos de libertação africanos e concluído semivoluntariamente após o 25 de Abril conduziu à exponenciação de movimentos migratórios para Portugal de naturais daquelas ex-colónias e/ou de minorias étnicas naquelas tradicionalmente estabelecidas (como é o caso de milhares de indianos provenientes de Diu que controlavam grande parte do comércio em Moçambique)*”. MALHEIROS (1996a, p.13) reforça esta ideia ao dizer “*o processo de alterações políticas e económicas que surgiu na sequência da independência das ex-colónias portuguesas em África, em 1975, constitui um elemento fundamental para a compreensão do crescimento da imigração de origem indiana para Portugal, após meados da década de 70. Na verdade, a maioria dos cidadãos de origem indiana instalados em Portugal são oriundos de Moçambique e a sua transferência de um país para outro constitui, em larga medida, uma resposta à instabilidade político militar e à progressiva desestruturação da economia moçambicana*”. Milhares de africanos, hindus e muçulmanos optaram pela fixação em Portugal, particularmente nos grandes centros urbanos para tentar um recomeço da sua vida. A comunidade hindu que já se encontrava plenamente estabelecida em Moçambique, no período pós revolução, escolheu Portugal como local de destino devido não só à instabilidade política, social e económica que se sentia nesse país como também à esperança e ao desejo de construção de uma vida melhor, com mais oportunidades para toda a família. A escolha deste país como sociedade de acolhimento deve-se à proximidade linguística existente entre Portugal e Moçambique. Os hindus que viviam em Moçambique tiveram também a oportunidade de conservar a nacionalidade portuguesa, vendo a sua integração neste país facilitada. Outro factor determinante para este fluxo migratório foram as redes de solidariedade



envolvendo, na maior parte dos casos, familiares que já estavam estabelecidos em Portugal. A vinda dos hindus para Portugal e a sua fixação num país diferente foi difícil, apesar de já terem uma experiência anterior com a integração em Moçambique. A existência de familiares e amigos que auxiliaram na transição permitiram uma base de sustento que foi fundamental para o desenvolvimento e crescimento desta comunidade. Mais uma vez, a importância do conceito alargado da família está presente e foi posto em prática nos primeiros anos de adaptação. O fluxo de hindus para Portugal rege-se por uma tríade que se estabelece entre Índia, Moçambique e Portugal. Estes três países distintos, com características muito diferentes parecem apresentar um fio condutor comum, a portugalidade. Actualmente, a comunidade hindu em Portugal encontra-se bem estruturada e sedimentada, entando grande parte da sua população radicada nos grandes centros urbanos. Um dos aspectos a que esta comunidade dedica particular atenção é às suas crianças, as quais são alvo de práticas e de costumes desde o seu nascimento, ou mesmo antes ainda durante a gravidez, o que permite que deste cedo estejam em contacto com a tradição hindu. A transmissão de práticas relacionadas com a maternidade constitui uma forma viva e real de se estudar a cultura hindu e a sua evolução, pois apesar de se manterem ligadas ao passado sofreram modificações impostas pela modernização e pelo contacto com outras culturas.

Maternidade Hindu

Na cultura hindu a maternidade assume uma grande importância. O seu “culto” é incentivado por toda a comunidade, pela família e principalmente, por todas as mulheres. É esperado que a mulher hindu case e tenha filhos para aumentar a família e perpetuar o seu nome. O desejo de ser mãe resulta de um processo de interiorização que é feito desde criança e que é reforçado continuamente através dos gestos, dos comportamentos, das palavras e também, através das expectativas desenvolvidas pela própria mulher e pelos membros da comunidade. Apesar do contexto geográfico, social e cultural diferente, estes valores mantêm-se e continuam a ser incutidos nas jovens que pertencem a esta cultura, sendo transmitidos através das gerações. Podemos afirmar que na cultura hindu, a função de ser mãe atribuída à mulher não é apenas fisiológica, é também uma herança cultural e social. Numa perspectiva individual, a mulher hindu sente-se realizada ao confirmar a sua competência de gerar um ser e vê o seu estatuto elevado. A capacidade de dar vida e de continuar a família é vista como uma situação de graça, justificada pelo seu bom comportamento e pela sua conduta adequada. A gravidez é entendida como uma bênção de Deus, que traz alegria, sorte e felicidade para a mulher e para toda a família, e não apenas como uma



consequência natural da sua condição de mulher. A condição de graça que é a gravidez está profundamente ligada à componente religiosa e espiritual, pois ter um filho é sinónimo que os deuses reconhecem e favorecem a mulher. Pelo contrário, a dificuldade em engravidar surge profundamente ligada ao conceito de punição, de castigo, por más acções ou ainda ligada à inveja e ao mau-olhado feito por outras mulheres.

A maternidade é uma prática essencialmente feminina na cultura hindu, transmitida de mulher para mulher, infiltrando-se nos comportamentos, nas formas de pensar e de agir, onde as mulheres mais velhas da família, como a sogra, a cunhada, as tias ou a mãe da mulher grávida, detêm os papéis mais importantes. É um universo feminino, onde as mulheres cuidam e orientam as futuras mães sobre a alimentação, os cuidados, as crenças que é necessário respeitar para que a gravidez vingue. O respeito pelas tradições mais antigas, tais como, proibições de ingerir certos alimentos ainda se mantêm apesar de já serem vistos com uma certa relatividade. Actualmente, existe uma maior participação por parte do elemento masculino do casal, embora que ainda ténue, e que se traduz sobretudo no acompanhamento das mulheres às consultas de gravidez e na presença no momento do parto. Após o nascimento, é a criança que se torna o centro das atenções por parte de toda a família. Ela é entendida como a concretização de todos os desejos, como a materialização da bênção dos deuses e como uma continuação dos valores e dos princípios da família. Na cultura hindu assistimos a uma divinização da criança. Ela representa a pureza, a ausência de maldade, a alegria, a força o que conduz a uma tolerância e mesmo a uma certa condescendência por parte dos adultos. Simultaneamente, a criança é vista como um ser frágil, puro que precisa de ser protegido de doenças, de maus olhados, de tudo o que é prejudicial. Existem rituais e práticas antigas que protegem a criança e que permitem que ela cresça e se desenvolva de forma saudável e forte. O conceito de que uma criança saudável é uma criança forte, com um bom desenvolvimento físico mantém-se, apesar de no discurso de algumas entrevistadas já se fazer referência à importância do desenvolvimento cognitivo da criança. Os cuidados à criança baseiam-se em princípios de protecção, estimulação do desenvolvimento e estruturação como pessoa com valores familiares e princípios nobres e respeitadores da cultura. A ligação com a cultura hindu é um aspecto considerado essencial, indicando a língua e a religião como as principais características que devem ser ensinadas às crianças.

A maternidade é uma das situações que mais sofre modificações em situação de imigração. Múltiplos factores interferem com esta condição, alterando dinâmicas e práticas que frequentemente são postas em causa. A comunidade hindu aposta fortemente na manutenção dos cuidados e pelo



respeito de crenças relacionadas com a gravidez, cuja finalidade é sobretudo a protecção e a salvaguarda tanto da mulher grávida como da futura criança. Os cuidados com a alimentação, nomeadamente a proibição de certos alimentos é fielmente cumprida, assim como algumas restrições físicas. As crenças relacionadas com a gravidez surgem como um dos aspectos muito valorizados pelas mulheres, assim como as festas e celebrações que decorrem durante a gravidez. Apesar das mulheres mais novas não conhecerem todos os pormenores destas celebrações religiosas, todas têm a preocupação em questionar as mulheres mais velhas para cumprirem fielmente todos os passos relacionados com estes festejos, funcionando estas últimas como pilares de conhecimento de práticas antigas. Nos cuidados à criança, a maioria das mulheres segue os cuidados tradicionais de higiene e conforto como a massagem e os cuidados de protecção contra o mau olhado, como o uso de *cajal* nos olhos ou o uso de pulseiras pretas nas mãos. Estas práticas mantêm a sua validade e a sua eficácia, apesar de estarem noutra contexto cultural. A religião, as práticas e as festas continuam a revestir-se da maior importância para os hindus. Relativamente à criança, a celebração do *Chatti* é a festa de maior destaque, pois, segundo a tradição acredita-se que a deusa vem escrever o destino da criança, sendo celebrada por toda a família e também por amigos mais próximos.

A maternidade em contexto de imigração é susceptível a sofrer alterações. A mãe, cujo único objectivo é cuidar do seu filho, protege-lo e ajudá-lo a crescer, encontra obstáculos ao seu modo de agir e de educar dificultando a sua tarefa e colocando-se em causa como mãe e como cuidadora. No país de acolhimento, a mulher divide-se entre o modo como sempre cuidou e viu cuidar e o modo com lhe ensinam a cuidar do seu filho. No entanto, é de extrema importância ter em conta que o que é valorizado pela sociedade de acolhimento pode não ser o que é valorizado pelas mães migrantes. São duas realidades diferentes que se cruzaram e que não têm necessariamente que se uniformizar. Em Portugal constata-se que as mulheres hindus mantêm, na sua maioria, as práticas e os cuidados relativos à maternidade que lhes foram ensinados por mulheres mais velhas. No entanto, as mulheres hindus mais jovens, que nasceram em Portugal ou que cresceram neste país de acolhimento, seguem mais os costumes portugueses porque cresceram num país com um modelo de vida diferente, que aprenderam a conhecer e ao qual se acostumaram. Esta diferença também é particularmente evidente entre as mulheres que nasceram em Moçambique e as que são oriundas da Índia, estando estas últimas inegavelmente mais ligadas às tradições e crenças da cultura de origem do que as primeiras.



Também nas mulheres hindus que não coabitam com familiares mais velhos ou onde não existe uma proximidade física com familiares hindus, nomeadamente sogras e mães, verifica-se uma maior influência do país de acolhimento resultante de um afastamento, desejado ou imposto, das práticas e da forma de cuidar das crianças na cultura hindu. Nota-se a existência de um maior espírito crítico em relação às crenças e aos cuidados, questionando-os e optando, por vezes, por um caminho mais ocidentalizado. A reflexão sobre os dados sugere que muitas mulheres hindus, e em particular as mais novas, ficam em dúvida sobre quais os melhores cuidados a serem prestados à criança, dividindo-se entre o que sempre viram fazer e o que lhes é ensinado e valorizado no país de acolhimento. Estes resultados vão ao encontro de outros estudos realizados sobre mães migrantes que confirmam estas dúvidas e modificações (STORK *et al*, 1988; RAMOS, 1993, 2004, 2008).

Ao imigrar muitas mulheres adquirem novos papéis e funções, trabalhando fora de casa, desenvolvendo outras actividades que interferem no tempo disponível para cuidar das crianças. As novas exigências económicas, sociais e familiares vão influenciar a relação mãe-filho alterando a dinâmica e pondo em causa os cuidados prestados. Surge uma tendência para sobrevalorizar os cuidados do país de acolhimento, entendido como mais moderno, mais tecnológico e mais perfeito e menosprezar os cuidados do país de origem, conotados como arcaicos e desadequados à nova realidade. No entanto, sobressai a importância que estas mulheres dão à criança e ao modo como esta se desenvolve, preocupando-se em integrá-la na cultura em que irá crescer, mas também, ensinando os hábitos e costumes hindus. Surge, deste modo, uma estratégia de resolução que as mulheres hindus adoptam que é a de associar as práticas antigas, como a massagem, os símbolos e rituais de protecção aos cuidados que se fazem no país de acolhimento.

Nos cuidados à criança são particularmente notórias algumas influências do país de acolhimento. A importância da massagem ao bebé que é referida pela totalidade das entrevistadas sofreu algumas modificações resultantes de novas vivências e novas realidades. A massagem hindu, tradicionalmente realizada com a mãe ou a avó sentada no chão com a criança nas suas pernas, passou a ser feita em cima da cama ou de uma mesa, diminuindo a área de contacto corporal entre a criança e a pessoa que executa a massagem. A justificação desta alteração reside, segundo a maioria das entrevistadas, na alteração do clima que é mais frio e que não permite que as mulheres estejam muito tempo em contacto com o chão. Outra alteração ainda relativa à massagem é o uso de óleos comerciais para massajar, em contraposição aos óleos naturais que habitualmente se utilizam na Índia. O aspecto do adormecimento das crianças também sofreu influência do país de acolhimento pois, actualmente a maior parte das crianças hindus adormece na cama ou no carrinho de bebé. Na



Índia, a maioria das crianças adormece no *godio*. Em Portugal, poucas famílias hindus têm esse baloiço pelo que necessitaram de se adaptar e escolher objectos que permitissem que a criança adormecesse, tais como alcofas, carrinhos de bebé ou ainda cadeirinhas de bebé. Apesar de na cultura hindu ser considerado que a criança não deve adormecer nos braços, existe a referência por parte de algumas mulheres mais jovens, e que foram mães pela primeira vez, a este hábito.

Apesar das mulheres da cultura hindu manterem, em Portugal, a maioria dos cuidados e das práticas relacionadas com a gravidez e as crianças, constata-se que existem algumas influências da sociedade de acolhimento sobretudo no cuidar da criança. Estas influências resultam sobretudo do afastamento de familiares mais antigos, da ausência ou dificuldade em encontrar alguns produtos tradicionais e da valorização de outros aspectos que são parte integrante da cultura de acolhimento.

Podemos considerar que ter um filho faz parte do plano de vida de qualquer casal hindu e, em particular, da mulher hindu. Desde o nascimento que é incutido na mulher o gosto pelas crianças, a importância de constituir família e o valor de gerar e dar vida. A consciência desta capacidade, valoriza o papel da mulher nesta cultura, acrescentando-lhe “poderes” considerados como mais elevados e mais sublimes. A importância da mulher é assim reconhecida e realçada, elevando-se da posição de gestora e organizadora da vida doméstica para ser sobretudo responsável pelo nascimento e formação de um novo membro da família que irá dar continuidade e fará valer os princípios que regem uma família hindu. É sobretudo através da observação, e do auxílio nos cuidados básicos à criança que as mulheres hindus vão interiorizando práticas, gestos e crenças. A transmissão destas práticas baseia-se, sobretudo na tradição oral e comportamental e numa aprendizagem empírica decorrente do ver cuidar de crianças mais pequenas ao longo da sua vida. Esta ideia é reforçada pelas mulheres mais velhas que reafirmam a importância da transmissão de conhecimentos para se manter o verdadeiro cuidado hindu e manifestam a sua preocupação em ensinar às suas filhas e noras, tradições que também a elas lhes foram transmitidas e que constituem o que poderemos chamar de sub-cultura da própria família.

Constata-se que são sobretudo as mulheres mais velhas que prestam os cuidados de massagem e do banho à criança, sendo justificado este comportamento pela sua experiência e pelo domínio da técnica. O recurso aos elementos mais antigos da família para lembrar determinados aspectos da maternidade e de cerimónias com ela relacionados é frequente. São sobretudo estas pessoas que mantêm vivas práticas e comportamentos, orientando os mais novos nesta nova etapa. As mulheres mais velhas são as detentoras da sabedoria e da experiência, sendo frequentemente consultadas pelas mulheres mais novas para orientarem e realizarem as cerimónias, sobretudo as



religiosas. As mulheres hindus reconhecem a importância da massagem como meio auxiliador no desenvolvimento físico da criança, no entanto, muitas não seguem todos os passos tradicionais desta prática. Apenas se existir em casa uma mulher mais velha, a técnica da massagem é executada em toda a sua plenitude, seguindo todas as etapas. Existe uma transmissão directa de práticas relacionadas com a maternidade, que é mais evidente na linhagem mãe-filha e sogra-mãe. Apesar de se encontrarem num país diferente existe uma preocupação evidente em manter esta transmissão e no caso das mulheres mais velhas da família não estarem presentes, existe sempre uma familiar ou uma vizinha que auxiliam e continuam a sucessão dessas práticas. Paralelamente, ocorre uma interiorização por parte da mulher desde o seu período de pré-adolescência de valores e crenças, que apesar de não saberem fundamentar, fazem parte do seu modo de viver e de cuidar. São estas duas formas de agir que constituem o fundamento do cuidar feminino hindu.

A maternidade na cultura hindu é muito valorizada existindo inúmeras práticas e tradições maternas e de cuidados às crianças que se mantêm na sua essência inalteráveis. Estas práticas tiveram o seu fundamento na religião, onde se pedia a protecção e orientação dos deuses e na cultura popular, onde a vivência e a experiência das mulheres foram construindo atitudes e comportamentos que continuam a prevalecer. Esta constância ao longo do tempo, muito longe de ser confundida com imobilidade, resulta dos fortes laços relacionais e intergeracionais que existem na comunidade e na família hindu, reforçando as práticas da cultura de origem e constituindo bases de apoio para as novas gerações.

Bibliografia

ACHARUPARAMBILI, Daniel (1982). *Espiritualidad hinduísta*. Madrid: La Editorial Católica S.A. Biblioteca de Autores Cristianos.

ALVES, Mariana e ÁVILA, Patrícia. «Indianos em Portugal: processos de (re)construção da identidade», in *Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Local*, Actas do Encontro de Vila do Conde da Associação Portuguesa de Sociologia, Lisboa: APS, 1994, pp. 285-297

ÁVILA, Patrícia e ALVES, Mariana. *Da Índia a Portugal: trajectórias sociais e estratégias colectivas dos comerciantes indianos*. Sociologia-Problemas e Práticas. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia nº13, 1993, pp. 115-133

BAPTISTA, Luís ; CORDEIRO, Graça (2002). *Sociologia, Problemas e Práticas*. Presentes e desconhecidos: reflexões socioantropológicas acerca do recente fluxo imigratório no concelho de Loures. Nº40, Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro de 2002, pp. 23-43



- BASTOS, Susana (1990a). *A Comunidade Hindu da Quinta da Holandesa – um estudo antropológico sobre a organização sócio-espacial da casa*. Lisboa: Lisboa: Grupo de Ecologia Social do LNEC, 93 p.
- BASTOS, Susana (1990b). Espaço doméstico, espaço simbólico e identidade – um olhar sobre o viver indiano na cidade de Lisboa, in *Actas do Colóquio Viver n(a) Cidade*. Lisboa: Grupo de LNEC/ ISCTE, pp. 17-31
- BASTOS, Susana (1992). *A frigideira sagrada e o fio de algodão: a prática vrata cathã numa comunidade hindu gujarati do sul do Saurasthra: Diu*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Cultural e Social e Sociologia da Cultura. Universidade Nova de Lisboa, 322 p.
- BASTOS, Susana; BASTOS, José (1999a). *Portugal Multicultural*. Lisboa: Fim de Século Edições, 227 p.
- BASTOS, Susana; BASTOS, José (1999b). *Portugal Plural: Migração, etnicidade e reconstrução identitária – uma abordagem pluri-metodológica das estratégias identitárias de uma comunidade hindu tricontinental residente em Portugal*, Projecto de Investigação «Portugal Plural», FCSH/ FCT, Relatório final, vol.3, Lisboa.
- BASTOS, Susana; BASTOS, José (2001). *De Moçambique a Portugal. Reinterpretações identitárias do Hinduísmo em viagem*. Lisboa: Fundação Oriente, 374 p.
- CASTRO, Paula; FREITAS, Maria João (1991). *Contributos para o estudo de grupos étnicos residentes na cidade de Lisboa – Vale do Areeiro, um estudo de caso*. Lisboa: Grupo de Ecologia Social, LNEC (reimpresso em 1992), 186 p.
- DUMONT, Louis (1975). *La civilisation indienne et nous*. Paris: Librairie Armand Colin, 142 p.
- FULLER, Cristopher J. (1992). *The Camphor Flame: Popular Hinduism and Society in India*. New Jersey: Princeton University Press 306p.
- KNOTT, Kim (1986). *Hinduism in Leeds: a study of religious practice in the Indian Hindu community and hindu related groups*. Leeds: Community Religious, Project, University of Leeds, 334 p.
- KURTZ, Stanley N. (1992). *All the mothers are one : Hindu India and the cultural reshaping of psychoanalysis*. New York: Columbia University Press. 360 p.
- MAGALHÃES, Maria Inês (1994). *Goeses em Lisboa*. Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais. Lisboa: Universidade Aberta s.n. 208 p.
- MALHEIROS, Jorge Macaísta (1996a). *Imigrantes na região de Lisboa – os anos da mudança*. Lisboa: Edições Colibri, 238 p.
- MALHEIROS, Jorge Macaísta (1996b). Communautés indiennes à Lisbonne. *Revue Européenne des Migrations Internationales*. Volume 12, N°1, pp.141-158
- MITTER, Sara (1995). *Dharma's Daughters: Contemporary Indian Women and Hindu Culture*. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press



OLIVEIRA, Isabel Nel de (2001). *Indianos em Lisboa: trajetórias, modos de vida, práticas educativas e rituais*. Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais. Lisboa: Universidade Aberta s.n. 239 p.

RAMOS, Natália (1990) – Educação precoce e práticas de cuidados em meio urbano. *Actas do Colóquio viver (n)a cidade*. Lisboa: LNEC pp.315-323

RAMOS, Natália (1993) *Maternage en milieu portugais autochtone et immigré de la tradition à la modernité. Une étude ethnopsychologique*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Paris: Universidade René Descartes s.n. v.1-2

RAMOS, Natália (1997) (Dir). *Educar para a diversidade – Goa*. Lisboa: Universidade Aberta, CEMRI. *Scripto* e vídeo

RAMOS, Natália (2002). Etnoteorias do desenvolvimento e da educação da criança. Uma perspectiva intercultural e preventiva. *Psicologia, Sociedade e Bem-estar*. Leiria: Ed. Diferença, pp. 161-177

RAMOS, Natália (2003). Perspectivas metodológicas em investigação: o contributo do método fílmico. *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Coimbra: Ano 37 nº 3, pp. 35-62

RAMOS, Natália (2004). *Psicologia clínica e da saúde*. Lisboa: Universidade Aberta, 367 p.

RAMOS, Natália (2008). *Saúde. Migração e Interculturalidade*. João Pessoa, EDUFPB.

RENOU, Louis (1981). *O hinduismo*. Lisboa: Publicações Europa- América, 130 p.

STORK, Hélène (1986). *Enfances Indiennes. Étude de psychologie transculturelle et comparée du jeune enfant*. Paris : Païdos/ Bayard Éditions, 237 p.

SUGIRTHARAJAH, Sharada (1999). Hinduismo in *A mulher na religião*. Jean Holm e John Bowker (coord). Mem Martins: Publicações Europa-América, pp. 91-116.

FILMOGRAFIA

GOVINDAMA, Yolande (1993). Le rituel du marlé chez l'enfant hindou de l'île de la Réunion. U-Matic, c, 11 mn.

GOVINDAMA, Yolande (1994). Les rites de l'enfance dans le milieu hindou de l'île de la Réunion. U-Matic, c, 20 mn.

MONTEIRO, Ivete (2005). Massagem, Banho e Rituais da criança na cultura hindu – contexto de imigração. c, 8 mn

RAMOS, Natália (1993). Bercements et berceuses en milieu portugais. U-Matic, c, 30 mn.

RAMOS, Natália (1995). Maternage Portugais. Betacam SP, c, 35 mn.

RAMOS, Natália (1996). Une famille portugaise à Paris. Betacam SP, c, 20 mn.

RAMOS, Natália (1999). As mãos que embalam. Ciganos em Florença. Betacam SP, c, 14 mn.



RAMOS, Natália (1999). *Bercements tziganes*. Betacam SP, c, 12 mn.

STORK, Helène (1982). *Pour endormir Lakshmi*. 16mm, c, 19 mn.

STORK, Helène (1982). *Seliamedu. Petits soins aux bébés dans un village Tamoul*. 16 mm, c, 32 mn